



«TRINUS» – CLÁUDIO GARRUDO

Há um lado de expedição, quais navegadores a quem Pompeu terá dito “Navegar é preciso, viver não é preciso”, na série “TRINUS” de Cláudio Garrudo que resultou de uma residência artística em alto mar, a bordo de um cargueiro, com destino à Madeira, tendo como “norte” essas palavras de Miguel Torga para quem “O que importa é partir, não é chegar”.

Do topo dos contentores ou da torre do barco, Cláudio Garrudo registou, em diversos momentos do dia, o que tinha à sua volta, mar, só mar. Talvez não...

Com o decorrer das horas, as variações da luz, o sol que nasce e se põe, o tempo que passa na contemplação do espaço trouxeram-lhe uma outra leitura do horizonte. E se lá ao longe estivesse terra, a terra nova, a terra desconhecida prestes a deixar de o ser, um porto que se espera seguro e firme? A vertigem da ilusão, da miragem que tantas vezes confunde ou esperaneia os aventureiros assoma-lhe o espírito e leva-o a captar em duplas exposições essa realidade, não literal, antes subjectiva, nessa sucessão ininterrupta e eterna de instantes. Imagens de mar e de um mar que deixa de o ser, passando a ser céu, terra, istmos, cabos, promontórios, a tormenta das águas ou a paz encontrada, que nos falam da viagem física ou simbólica, e do tempo real ou imaginário.

Subimos as escadas ou descemos? outra das interrogações que esta exposição nos coloca na única imagem em que o referencial se encontra bem definido e que nos remete para o espaço através do qual a travessia se faz. “Aparelhei o barco da ilusão” e talvez já não seja o general romano a comandar as hostes. Afinal, para Cláudio Garrudo “Navegar é preciso” e navegar é viver.

Ana Matos



«TRINUS» – CLÁUDIO GARRUDO

One can find an expeditionary side to these works by Cláudio Garrudo now shown at Galeria das Salgadeiras – as with the seafarers to whom Pompeus would have said “To navigate is necessary, to live is not.” – which is also the outcome of an artistic residency taken place in highseas aboard a cargoship heading to an unimportant destination. Let us keep the arrival unravelled and mysterious, following Miguel Torga’s poem “Viagem”, that accompanies the exhibition: “What matters is leaving, not arriving” From atop the shipping containers or the ship’s tower, Cláudio Garrudo has captured, in several moments of the day, what he had around him: the sea, only the sea. Or perhaps not..

With the passing of the hours, the light changes, the sunrises and sunsets, the time flows in the contemplation of space have led him to another interpretation of the horizon. What if there was land, far away but there nonetheless, a new land, an unknown land waiting to be known, a harbor, safe and solid? The vertigo of illusion every so often misleading or inspiring adventurers has taken over his spirit and urged him to capture in double exposure this reality – not a literal, rather a subjective, one – in that uninterrupted succession of moments. Images of the sea, and of a sea that is no longer a sea, but the sky, land, isthmus, capes, promontories, the restless waters or the restored peace that tell us of a physical or symbolic journey, of a real or imaginary time.

Do we go up or down a staircase? Yet another question made by this exhibition through the only image with a straightforward referential, hinting at the space on which this journey is made. “I prepared the ship of illusion”, and maybe now it is no longer the roman general leading the farers. After all, to Cláudio Garrudo, “to navigate is necessary”, and to navigate is to live.

Ana Matos